

Dois exemplos

JOSÉ CARLOS DE AZEVEDO

O aproveitamento do trabalho da Subcomissão de Educação e Cultura, Ciência e Tecnologia, Desportos e Comunicações talvez se deva à opção de dar tratamento igual a todas as subcomissões, pois não faltavam prerrogativas regimentais nem competência intelectual aos integrantes da Comissão de Sistematização para corrigir os inconcebíveis erros, preconceitos e despropósitos daquele texto e que levaram à sua não aprovação por seus próprios autores.

A Constituição, aliás, deveria calar-se sobre esses assuntos e anunciar, em brevíssimas linhas, apenas princípios e compromissos gerais da educação. Mas a Constituição está sendo feita para o Brasil e não para um país com elite intelectual relevante e, por isso, continua sem adeptos entre nós a observação de Stuart Mill no sentido de que o Estado seria poupado do dissabor de se imiscuir em assunto de que não entende se, garantindo escolas para os carentes, compelsse os pais a cumprirem o dever maior de educar seus filhos.

Apesar do muito que se fala no Brasil sobre liberalismo e estatização, poucos se preocupam com a liquidação das escolas particulares; 1984 já se foi e George Orwell pertence ao passado, mas estatizar o ensino continua a ser a manobra mais eficaz de criar uma nação de vassallos, principalmente no Brasil, que já tem o maior contingente de ignorantes do mundo ocidental. Estatizada a educação, estatiza-se a ciência e a cultura e, por isso, é oportuno citar, pelo menos, dois exemplos do risco que isso importa.

Trophim Destnovich Lysenko foi professor da Universidade de Moscou e presidente da Academia de Ciências Agrárias da URSS até 1955, dois anos depois da morte de seu protetor, Stalin. Lysenko pontificou, principalmente, sobre genética e sua "carreira científica", feita à sombra do ex-ditador, consistiu em retomar idéias em desuso do então já desacreditado Lamarck, segundo as quais, por exemplo, a girafa ficou com o pescoço comprido para poder comer folhagens de galhos altos. É inacreditável que Lysenko tenha pontificado em país de grande tradição científica como a URSS até quase um século após a teoria da evolução (novembro de 1859), sabendo-se que o único seguidor renomado de Lamarck foi o austríaco P. Kameyer, que se suicidou na própria URSS quando descobriram que seus dados eram forjados.

Para Julian Huxley, "Lysenko pode apenas ser considerado um iletrado" e, por isso, cientistas russos que dele divergiam purgaram pelas suas heresias; Chetverikov, Ferry e Ephroisom foram banidos para a Sibéria e Levtzky para um campo de concentração no Artico; Karpechenko, Kolzoff e Serebrovsky desapareceram misteriosamente e Agol foi assassinado; em 1936, o Instituto Médico Genético de Moscou, até então um dos melhores do mundo, foi fechado e seu fundador, Solomon Levit, compelido a abjurar seu crime de reconhecer a doutrina de Mendel ("Eppur si muove", mais de três séculos depois...) e foi dado por desaparecido. O maior geneticista russo, V. I. Vavilov, morreu em 1942 em um campo de concentração na Sibéria. Orbelyi, Schmalhauser e Dubini tiveram seus laboratórios fechados e foram dados por desaparecidos. Lysenko atingiu o máximo de seu prestígio no Congresso do Partido Comunista em 1948, quando afirmou que "...o camarada Stalin era o grande líder e mestre do povo russo, o maior sábio de todos os tempos..." É desnecessário dizer que os danos causados por Lysenko se refletem até os dias de hoje.

É difícil precisar, mas foi provavelmente a descoberta do planeta Netuno, feita pelo astrônomo alemão J. Galle, que deu aos leigos o primeiro exemplo grandioso da importância e precisão da ciência. Netuno fora previsto independentemente por J. Adams, então aluno da Universidade de Cambridge, e o renomado astrônomo francês U. U. L. Leverrier, enviou carta ao astrônomo alemão, assistente do observatório de Berlim, dando-lhe a posição

em que o planeta deveria ser encontrado, e de fato o foi. Tiveram ainda enormes efeitos na imaginação popular confirmações de previsões da teoria da relatividade referentes ao desvio da luz pelo Sol (feita por astrônomos ingleses em Sobral, Ceará, em 1919), a expansão do Universo, feita por Edwim Hubble em 1929 e, talvez mais que todas, a confirmação da equivalência da massa e energia com as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki.

Essa importância da ciência não teve apenas efeitos benéficos; pelo contrário, até, pois fez surgir pseudo-ciências, algumas de efeito funesto. A bizarra teoria nazista da superioridade da raçaariana, advogada pela primeira vez pelo francês Joseph Gobineau, no século XIX, levou ao extermínio de milhões de judeus, mas a verdade é que a paranoia anti-semita é mais antiga e atingiu o próprio Martinho Lutero. Mas, durante o nazismo, ela se manifestou cruelmente e com absoluta falta de escrúpulo científico, bastando citar que o ministro alemão Julius Streicher afirmou em 1935 que "... as partículas do sangue dos judeus são completamente diferentes das dos homens nórdicos... fato comprovado microscopicamente...". Quando o Japão entrou na guerra ao lado da Alemanha, eles passaram a ser considerados arianos, decisão que também se estendeu à tribo Stour, de índios norte-americanos, pois o mais exacerbado jornalista anti-semita da época era um alemão descendente de uma índia dessa tribo.

No Brasil, a estatização na área cultural tem imensos reflexos negativos na subvenção oficial à pornochanchada, aos livros de valor duvidoso, tudo estimulando o deboche, ainda que isso não seja feito necessariamente de forma malévola mas pela ignorância do que seja cultura. Por sinal, ainda agora, o maestro Eleazar de Carvalho regressa aos Estados Unidos, encerrando sua carreira em São Paulo.

Na área científica, um dos exemplos de intolerância foi a demissão de vários cientistas em Mangunhos, cabendo aguardar o desfecho da questão dos astrofísicos liderados pelo prof. Kauffman. Entretanto, um exemplo oposto, de boa-fé, foi o do ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, induzido ao equívoco de anunciar, como se fora importante, a descoberta de uma cerâmica supercondutora. Esses materiais já haviam sido identificados há anos e sua existência aparentemente não exige revisão na teoria que explica esse fenômeno, datada de 1957, e que deu o prêmio Nobel a seus autores, Bardeen, Cooper e Schrieffer. Evidentemente, do ponto de vista prático, são importantes as substâncias que se tornam supercondutores a elevadas temperaturas, da ordem de 180° centígrados abaixo de zero, em comparação com as até então conhecidas, que atingiam tal condição nas proximidades de 270° abaixo de zero. Não tendo havido contribuição teórica e envolvendo a industrialização dessas cerâmicas tecnologia complexa, sua utilização entre nós fica para o próximo século.

Vários e vários anos se passarão para que o Brasil se refaça — o que já começou a ocorrer — das dificuldades inenarráveis em que se meteu com a teoria oficial que revogava o bom senso e, de quebra, a lei da oferta e da procura, levando à desgraça inúmeros brasileiros, o que não teria ocorrido se o nível cultural de nosso país fosse melhor. Provavelmente, mais de 50% dos brasileiros são analfabetos funcionais, menos de 10% pagam Imposto de Renda e nenhuma mudança é mais urgente que a que se impõe na Educação. Mas ela deve ser uma mudança de conteúdo e não de forma. A que circula pelo Congresso beneficia mal-intencionados e medíocres e não é sem razão que muitos deles deambulam naquela Casa à busca de mais estatização e de outras retinências que nada têm que ver com o aprimoramento da Educação, sem esquecerem de uma que é inocente: disposição transitória que promova os professores adjuntos a titulares, sem concurso, é claro, "que ninguém é de ferro". No Brasil, a consagração dos Lysenkos tupiniquins está bem mais próxima do que parece.